



Por Celina Santana, Conservadora-restauradora do MAE/UFBA.

Pensar em acervos é pensar, sobre vários aspectos, a sua preservação. Todo acervo traz consigo informações que transmitem memórias e saberes por isso a importância da instituição ter políticas para salvaguardá-los, utilizando para tal, um conjunto de ações, entre elas as educativas, de documentação, de conservação e restauro, que reunidas visam melhores condições, para o acondicionamento, exposição ou mesmo de transmissão do conteúdo contido em seus acervos.

Mas afinal, o que é preservação? A palavra preservar tem sua etimologia ligada a palavra latina *praeservare* e num sentido geral significa cuidar, resguardar, poupar, conservar, dentre outras, e quando relacionado a bens patrimoniais ou coleções, podemos ampliar esta definição para um cuidado prévio focado numa tentativa de eliminar ou retardar os riscos de danos nos objetos pertencentes aos acervos. Sendo assim, a prevenção de riscos em um acervo é a melhor maneira de preservá-lo; no entanto, preservar é também intervir de forma a interromper ou reparar algum dano já ocorrido. Logo, se somam à definição de preservação os conceitos de conservação e restauração, que atuam diretamente sobre a estrutura física dos objetos pertencentes aos acervos.

É importante a busca por fundamentos teóricos quando se trata da atividade de conservação e restauro; estes vem sendo, ao longo do tempo, debatidos por profissionais das diversas áreas ligadas a patrimônio, buscando definir os limites de atuação de cada um deles sobre os acervos. De maneira geral, definimos a conservação como os procedimentos que intervêm nos objetos sem modificar diretamente sua estrutura

física. Hoje, esse conceito foi dividido em conservação preventiva e conservação curativa, sendo que a primeira consiste na tentativa de evitar, remediar ou estabilizar uma ação ainda inicial, ou seja, que ainda não trouxe danos ao objeto ou coleção, enquanto que a segunda se configura na realização de intervenções diretamente sobre um dano com o objetivo de estabilizá-lo para dar novamente uso a peça ou mesmo dar suporte para aguardar uma futura restauração. Atualmente, esses procedimentos são exercidos por grande parte dos profissionais ligados ao trabalho com bens patrimoniais, numa tentativa, cada vez maior, de prevenir a ocorrência de danos e evitar grandes intervenções nas peças.

Já a restauração é uma intervenção de maior incidência sobre o objeto, quando sua estrutura está ameaçada e já não há mais nada o que ser feito para evitar perdas. No entanto, é preciso ser ético e respeitar os limites contidos no próprio material, como por exemplo, as técnicas e formas originais, as marcas do tempo e de uso adquiridas ao longo de sua existência, a estética e conceitos presentes na obra. A tendência para uma boa restauração é intervir minimamente, ou seja, apenas o que for necessário para reestruturar o suporte e a harmonia estética do objeto de maneira que a intervenção seja reconhecível, porém passe de forma imperceptível quando visto no contexto geral do objeto.

Conhecer minimamente estes conceitos é fundamental para uma prática mais consciente por parte dos profissionais ligados a guarda de acervos. Entender as necessidades e intervir previamente sobre os possíveis malefícios promoverá o prolongamento da existência dos mesmos e, principalmente, assegurará o acesso destes pelas próximas gerações.

Editorial

A nova edição do Boletim Informativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia aborda o tema **Preservação de Acervos**. Nesta publicação, traremos algumas reflexões a respeito de coleções públicas e privadas, sejam estas documentais, bibliográficas, arqueológicas ou etnográficas, bem como iniciativas em relação a sua preservação enquanto bens culturais e patrimoniais.

Abrimos o boletim com o texto da conservadora-restauradora Celina Santana elucidando os conceitos de preservação, conservação e restauro. No texto *Espólios*, o antropólogo e diretor do MAE/UFBA Cláudio Pereira fala sobre as bibliotecas pessoais de renomados antropólogos baianos, através de histórias de quem conviveu com alguns destes nomes. Seguindo na temática dos arquivos pessoais, vem o texto *O espólio intelectual de Valentin Calderón: do gabinete ao museu*, de minha autoria, que fala a respeito dos arquivos pessoais e sua inserção nas instituições de salvaguarda.

Em *O patrimônio e o rol do conservador arqueológico*, Jaime Mujica Sallés fala sobre a fragilidade dos acervos arqueológicos e importância do profissional da Conservação no âmbito das pesquisas arqueológicas. Por fim, no texto *O invisível dentro dos museus*, Simone Mesquita fala sobre os espaços para a salvaguarda das coleções arqueológicas e a problemática da conservação nas instituições.

A novidade desta edição é que agora o Boletim Informativo do MAE/UFBA possui o ISSN (*International Standard Serial Number*), código de identificação atribuído a publicações seriadas, legitimando, assim, sua divulgação no meio científico. Outra boa nova é a chegada da arqueóloga Tainã Moura Alcântara, que agora completa o quadro funcional do museu.

Boa leitura!

Mara L. C. Vasconcelos

Coordenadora de Acervos MAE/UFBA

Em foco

Escaneamento 3D da Coleção de Valentin Calderón



O MAE/UFBA realizou, em parceria com a *Stephen F. Austin State University* (SFASU), do Texas (EUA), o escaneamento 3D de 27 artefatos cerâmicos pertencentes à coleção Valentin Calderón. O pesquisador responsável pelo projeto é Robert Z. Selden, arqueólogo vinculado ao *Center for Regional Heritage Research* (CRHR) da universidade norte-americana. A digitalização e animação de alguns destes artefatos, bem como mais informações sobre o projeto, podem ser conferidas no endereço eletrônico www.crharchaeology.wordpress.com/category/brazil/. O resultado final do trabalho poderá ser visto em breve em uma exposição interativa no MAE/UFBA.

Expediente



MAE/UFBA

Direção
Cláudio Luiz Pereira

Museologia
Antônio Marcos Passos

Conservação e Restauro
Mara Lúcia C. Vasconcelos
Celina Rosa Santana

Arqueologia
Tainã Moura Alcântara

Administração
Alice Gomes (Assistente de Administração)
Carlos Dantas (Auxiliar de Administração)
Geovane Hilário da Silva (Eletricista)
Izania Santos (Assistente de Administração)
Regina Lemos (Secretária Administrativa)

Estudantes Bolsistas
Cristiane Oliveira (Museologia)
Hidelita Marques (Museologia)
Luana Nascimento (Ciências Sociais)
Mauricéia Silva (História)
Leticia Silva (Museologia)
Mônica Reis (Museologia)
Viviane Santos (História)
Samuele Ferreira (Museologia)
Suylan da Fonseca (Pedagogia)

Redação e Revisão
Mara Lúcia Carrett Vasconcelos
Celina Rosa Santana

Diagramação
Alice Meira Gomes

Tiragem: 300 exemplares
Funcionamento: Segunda à sexta, das 09h às 17h.
Terreiro de Jesus, s/n, Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia - Pelourinho. 40025-010. Salvador-BA. Tel.: 71 3283-5530
mae@ufba.br | www.mae.ufba.br

O espólio intelectual de Valentin Calderón: do gabinete ao museu

Por Mara Lúcia Carrett Vasconcelos



Arqueólogo, historiador da arte, profissional de museu, pesquisador do patrimônio cultural. Foram muitas as facetas de Valentin Calderón durante sua trajetória na Bahia, que teve início em 1949, quando da chegada do pesquisador espanhol ao Brasil, até sua morte, no ano de 1980. Neste ínterim, atuou ativamente em diversas instituições baianas e nordestinas, não somente coletando artefatos, mas reunindo diversos e importantes registros documentais.

O espólio intelectual de Calderón, doado em 2013 ao MAE/UFBA por Lídia Calderón, é composto por correspondências, fotografias, medalhas, recortes de jornais, dentre outros documentos, que contam um pouco mais da história do pesquisador. A coleta desta ampla variedade documental – só de fotografias, por exemplo, foram contadas mais mil unidades

– denota um grande esforço colecionista, e consequentemente, preservacionista por parte do cientista.

Em função da chegada desta nova coleção, o MAE/UFBA desenvolveu o projeto *Herança, memória e esquecimento: por uma musealização do espólio intelectual do arqueólogo Valentin Calderón*, que busca realizar o processamento museológico dos objetos, ou seja, as ações de pesquisa, documentação, conservação e comunicação do acervo. O espólio passa, neste momento, por um levantamento inicial, de caráter quantitativo e qualitativo.

Dentro do museu, os objetos antes inseridos em uma coleção particular, passam a figurar como acervo, acessíveis ao público. Os documentos passam, assim, por uma ressignificação: antes tidos como registros pessoais, são agora alçados a categoria de objeto de

pesquisa. O documento, no entanto, não fala por si; cabe aos agentes responsáveis por esta transição fazer com que eles digam a que vieram e o que trazem em seu conteúdo.

O estudo da coleção originada a partir do espólio intelectual de Valentin Calderón possibilitará a complementação de informações a respeito do acervo arqueológico originado por suas pesquisas, já salvaguardado pelo MAE/UFBA, além de abrir novas possibilidades no que diz respeito à interpretação destes materiais. Além disso, se configura como uma importante fonte de pesquisa da história da Museologia e Arqueologia baianas, bem como da história da Universidade Federal da Bahia.

Mais do que isso, o espólio se caracteriza como instrumento para contar a trajetória do próprio Valentin Calderón. Percebe-se a coleção pessoal, neste sentido,

como ato biográfico e de auto-representação. Através dela, podemos (re) construir uma história intelectual do pesquisador, que, como apontado no título do projeto de pesquisa, transita atualmente entre a lembrança e esquecimento por parte da comunidade científica.

Dentre pesquisas, coleções e museus, Valentin Calderón deixou

um legado fundamental para a ciência baiana e brasileira. Este legado vem sendo desvendado e evidenciado pelo MAE/UFBA através de suas coleções arqueológicas e, agora, através da pesquisa em seu espólio intelectual, com o intuito de preservar, definitivamente, a memória de Calderón e de seu trabalho.

**Conservadora-restauradora do MAE/UFBA e Mestra em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).*

Acontece no MAE: A pesquisa no Espólio de Valentin Calderón



No segundo semestre deste ano, o MAE/UFBA lançou novos projetos que visam recuperar a história de seu idealizador e, por consequência, a memória institucional. Em julho, teve início o projeto *Herança, memória e esquecimento: por uma musealização do espólio intelectual do arqueólogo Valentin Calderón*, com o objetivo de realizar ações de pesquisa, documentação, conservação e digitalização do espólio intelectual doado pela viúva do pesquisador. Além da participação da equipe do museu, o projeto conta também com quatro bolsistas do Programa Permanecer (PROAE/UFBA). Para o ano que vem, o museu prepara o *I Seminário Valentin Calderón – Arqueologia, Museus e Patrimônio*, evento no qual, além de ser apresentado oficialmente o projeto citado, se discutirá a influência de Calderón na Arqueologia e Museologia da Bahia.

Livro em destaque

Por Cristiane Oliveira*

Manual de conservação em arqueologia de campo



LORÊDO, W. M. **Manual de conservação em arqueologia de campo**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, Departamento de Proteção, 1994.

O Manual de Conservação em Arqueologia de Campo foi criado para ajudar os profissionais da área, tanto técnicos em Arqueologia e arqueólogos como curadores de museus, mostrando algumas normas e procedimentos que podem ser realizados por não conservadores, sem substituir é claro, a importância e o trabalho do profissional da área da Conservação.

O manual traz recomendações de tratamento específico aos materiais arqueológicos móveis e de origem terrestres. A autora trata, em 5 capítulos, de pontos importantes para realizar os procedimentos, como o trabalho em campo, a segurança, os suprimentos e materiais que são utilizados, as técnicas gerais de tratamento e por último os materiais arqueológicos e seus tratamentos.

O Manual de Conservação em Arqueologia de Campo, assim, se configura como uma guia prática e objetivo para auxiliar os profissionais com segurança e qualidade.

**Estudante de Museologia da Universidade Federal da Bahia e bolsista do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA no Núcleo de Monitorias.*

O patrimônio e o rol do conservador arqueológico.

Por Jaime Mujica Sallés*

Desenterrar um artefato que esteve durante centenas ou milhares de anos no solo é iniciar uma contagem regressiva de anos, meses ou dias de vida. É sabido que as mudanças bruscas das condições ambientais existentes debaixo da terra (ausência de radiação ultravioleta e infravermelha, pouca variabilidade da temperatura e da umidade relativa, imobilidade, baixa oxigenação...) podem provocar nos objetos exumados uma série de modificações físicas e/ou químicas prejudiciais.

Uma lâmina de sabre, por exemplo, que foi preservada desde o momento da batalha em um delicado equilíbrio entre o metal e o ambiente pode, num prazo muito rápido, depois da sua extração, perder sua materialidade e as informações associadas. *A que batalhão pertencia o dono desta arma? Onde foi fabricada? Por que foi perdida durante o combate?*

Estes questionamentos e muitos outros poderão ser respondidos e comunicados à sociedade, através da ação conjunta do trabalho de arqueólogos, conservadores arqueológicos e museólogos. O arqueólogo, analisando e interpretando o artefato; o conservador, preservando a materialidade do objeto e das unidades de informação; e o museólogo, possibilitando a interação entre o resto arqueológico e os distintos atores sociais. Não podemos deixar de lado também as importantes contribuições de outros especialistas (edafólogos, geógrafos, zoólogos, botânicos, antropólogos, entre outros) no estudo e interpretação dos cenários do passado.

Vemos, desta forma, que é longo, complexo e atribulado o caminho que percorrem os artefatos arqueológicos, desde



Sabre de ferro de origem britânica datado em aproximadamente última década do século XVIII, pertencente ao acervo do Museo Español (Colonia del Sacramento, Uruguay).

seu ambiente de enterramento até seu lugar na nossa sociedade atual. Frequentemente (e, lamentavelmente, muito frequentemente), o artefato finaliza seu percurso na própria escavação, destruindo-se e perdendo as informações associadas, seja pela aplicação de técnicas inadequadas de extração e acondicionamento ou pela imperícia da equipe de escavação.

Outras vezes, o artefato permanece no sítio e/ou laboratório durante um longo período, aguardando sua vez de ser analisado, sem antes ter sido objeto de tratamentos de conservação curativa ou preventiva. Desta forma, dependendo da tipologia do objeto (metálica, cerâmica, óssea...) poderão agravar-se patologias pré-existentes ou surgir novas patologias que comprometam a sua estrutura físico-química, prejudicando futuras análises e a extroversão.

Na maioria dos casos, uma grande porcentagem dos vestígios "resgatados" das escavações arqueológicas fica aguardando, em condições de acondicionamento precárias (contentores inadequados, falta de controle da temperatura e da umidade relativa, ação de agentes biológicos) serem analisados e interpretados.

Quantas vezes temos nos deparado, ao abrir uma caixa ou um saco contendo material arqueológico numa "reserva técnica" institucional, com um pó que alguma vez foi um objeto... Também uma grande proporção dos artefatos conservados nas instituições passa durante longos períodos sem serem musealizados e somente acessíveis a pesquisadores.

É durante esta longa caminhada da cultura material que o conservador arqueológico aparece, em vários momentos: na



Sabre após procedimentos de conservação curativa pela equipe de conservação do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA), da Universidade Federal de Pelotas (UFPe).

elaboração do projeto interventivo, nos trabalhos de campo, no laboratório, na reserva técnica, e nas distintas instâncias de externalização da mesma (exponografia, empréstimos, etc.).

Este profissional é o responsável pela elaboração de uma série de documentos que disciplinam todas as atividades que impliquem algum risco para os objetos exumados: protocolos de extração, de tratamento curativo a campo, de acondicionamento e de transporte; protocolos de trabalho no laboratório; protocolos de ingresso de materiais; protocolos de exibição e de empréstimo de coleções; entre outros.

Além desta atribuição, o conservador aplica a campo os distintos procedimentos de conservação que sejam necessários e executa os tratamentos de conservação curativa no laboratório. Cabe a ele, também, fazer um cuidadoso registro (fotográfico e por meio de fichas especialmente elaboradas para este fim) dos artefatos *in situ* e do seu contexto, e dos distintos tratamentos empregados para a sua conservação.

Com estes comentários, pretende-se dar uma idéia do complexo caminho que devem percorrer os restos arqueológicos, desde seu local de enterramento até a apropriação



Foto aproximada.

pela comunidade, ilustrando a grande responsabilidade que o conservador tem com relação à preservação do patrimônio arqueológico.

Para finalizar, gostaríamos de deixar como reflexão uma frase do arqueólogo britânico Sir Mortimer Wheeler, no seu pioneiro trabalho *Arqueologia de Campo* (1961): "Con

demasiada frecuencia desenterramos meras cosas, impenitentemente olvidados de que nuestro fin real es sacar a luz a determinadas gentes". Portanto, somente uma práxis arqueológica interdisciplinar, que incorpore plenamente ao conservador, possibilitará, ao nosso entender, descobrir às pessoas por trás dos objetos.

*Conservador arqueológico. Docente do Curso de Antropologia/Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPe): Linha de Pesquisa: Conservação do Patrimônio Arqueológico Terrestre e Subaquático; Inter-relação Arqueologia e Patrimônio Cultural. Pesquisador do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica - LÂMINA. Professor Permanente do Mestrado em Antropologia e Arqueologia da UFPe. Biólogo (Universidad de la República, Uruguay); Mestre em Botânica: Agrostologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Doutor em Ciências do Solo (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Ministra as disciplinas de Musealização da Arqueologia e Conservação de Materiais Arqueológicos.

Antropologia e Antropólogos na Bahia

Espólios

Por Cláudio Luiz Pereira*

Bons antropólogos são proprietários de bibliotecas. Muitos dariam suas vidas por elas. Cada um deles viu seu acervo crescer, multiplicar, ocupar paulatina e insistentemente, o espaço da casa, e na falta deste espaço explodir.

Só o próprio dono de uma biblioteca sabe a falta que o livro emprestado e não devolvido faz, só ele conhece os atalhos e os descaminhos. O princípio da ordem é ele que retém, bem guardado, o segredo e a razão de acumular livros.

A antropologia se resguarda nos livros quando suas idéias não conseguem ocupar a vida comum dos homens. Na biblioteca os livros de antropologia dormitam numa inquietante liminaridade. Estão de prontidão esperando que uma velha idéia seja rerepresentada. A funcionalidade de uma biblioteca depende sempre das idéias vigentes no presente de seus usuários. Bons livros hibernam, e eventualmente acordam para semear novos pensamentos.

Costa Lima costumava comentar, acho que citando um poeta, que o futuro de uma biblioteca dependia do conceito de decoração da viúva. A verdade é que direitos patrimoniais se sobressaem aos direitos morais sobre a mercadoria. Livros numa biblioteca não são acúmulos de livros enquanto mercadorias. Juntos, livros formam um conceito que fala da personalidade do dono dos livros.

Livros são objetos com história, portanto. Eles foram almeçados, buscados, encontrados ao acaso ou como esforço de uma disposição única. Livros são objetos incomuns, e gozam de uma força oculta, através das quais as pessoas são capazes de matar ou morrer por eles. São eles que escolhem e comandam os leitores, e raramente se deixam escolher por estes.

Bons antropólogos baianos foram bons bibliófilos, num tempo em que cultivar a bibliofilia era também cultivar o espírito. Aliás, é atribuída a um dos maiores historiadores baianos a célebre expressão de que “Aqui, quem empresta livro é burro. Quem devolve livro emprestado é duplamente burro”. Coisas simples nas quais se fala sobre o caráter dos baianos.

Costa Lima costumava contar uma história desconcertante. Dizia ele que quando seu irmão fora a Cuba conhecera Lydia Cabrera, que lhe mandou um livro autografado. Dizia, então, que um renomado antropologista baiano tomara o livro emprestado e que o tempo passava sem que se desse a devolução. Mas, convidado pelo esperto antropologista para um jantar, adentrou na imponente biblioteca da casa na companhia de Yêda Pessoa de Castro, e pôs os olhos no volume não devolvido. Abriu-o e lá encontrou o carimbo com o brasão do dono da casa “Biblioteca...”. Inconformado, disse a famosa frase com a qual ele gozava esta história: “Minha comadre, abra sua bolsa...”. Justiça feita com as próprias mãos... se roubou, roubou o que era dele mesmo.

É, também, de Costa Lima outra história engraçada. Ele me disse que Pedro Moacir Maia começou sua vida profissional como importador de livros, mas que foi a falência porque ficava com todo livro que importava. A biblioteca de Moacyr Maia, que esteve na África nos anos 60 e acumulou uma relevante seleção de livros sobre arte religiosa, cresceu bastante ao longo dos anos. Quando ele morreu, não fazem muitos anos, ela foi doada ao Mosteiro de São Bento, instituição que detém um acervo de livros respeitáveis, talvez um dos melhores da cidade.

Outra biblioteca de que muito se fala aqui na Bahia é a de Waldeloir Rêgo. Este etnólogo ficou conhecido no seu tempo por sua enorme biblioteca, que ocupava até os banheiros de sua casa. Ele dizia que tinha onze mil livros, ao que outros antropólogos maldosos, citando Apollinaire, retrucavam, dizendo que eram as “Onze mil virgens”, já que nunca tinham sido lidos. Depois de muitas idas e vindas a biblioteca de Waldeloir acabou sendo comprada pelo Governo, virando um Núcleo na Biblioteca Central. Está longe de ter os onze mil volumes pela qual fez fama, não se sabe por que, mas imagina-se...

A própria biblioteca de Costa Lima resta numa liminaridade enigmática. Nenhuma solução razoável parece estar disponível. Talvez seja uma das mais capacitadas no domínio da antropologia da alimentação. Deveria já ter encontrado uma instância que assegurasse sua permanência enquanto biblioteca única, montada por quem de fato amava aqueles livros e enxergou os sentidos e as conexões que havia entre eles.

Conclusivamente, hoje a internet mudou muito o jeito de ler e de ter livros. Um dia desse um aluno, demonstrando um contentamento desmesurado, me mostrou sua biblioteca virtual. Tava tudo lá, segundo me disse, mais de mil textos, condensados num nada virtual, interno ao seu computador. Não há estantes para se passar os olhos, encontrar o livro que não se procura, perder-se na digressão, na exploração, na entrega e no prazer de uma biblioteca em que a poeira que cai é a única força que rompe um silêncio maior... falta ao computador a virtualidade de ser aquele santuário único. Como sempre o fácil de hoje acabará por tornar-se o difícil de amanhã...

O invisível dentro dos museus

Por Simone Mesquita*

A criação de laboratórios de conservação e restauração nas instituições é algo novo no Brasil, parece que agora se desperta para a necessidade de se cuidar dos acervos, mas muitos curadores ainda não compreendem que devem andar atrelados à conservação, mais ainda a conservação preventiva. Como um doente que espera a piora para recorrer ao médico, os museus deixam que a urgência seja a tônica das atividades cotidianas. Quando bem montados, os laboratórios não conseguem visibilidade e em muitos casos as pessoas que trabalham em outros setores na própria instituição também não entendem a função dos conservadores. Triste dilema.

Com o aumento das pesquisas arqueológicas no país, se avolumam os itens a serem guardados e a necessidade de novas reservas técnicas se fazem presentes. Isso significa que a consultoria permanente de conservadores é fundamental para a saúde das coleções. O melhor seria que essa parceria fosse feita a partir das escavações eliminando futuros problemas de acondicionamento e preservação. Seria o caso de até mesmo de se pensar na própria coleta como ponto de discussão, fazendo uma tentativa de reduzir o montante dos achados. Parece que nos encontramos em uma estrada com muitas vias, mas que não seria difícil descobrir o caminho certo. O cerne da questão é quanta prioridade realmente daremos aos acervos? Não é mais possível ter pesquisas onde o tratamento dos objetos não seja contemplado.

Na arqueologia é mister que não só no projeto encaminhado ao IPHAN seja indicada a instituição de guarda, mas que o pesquisador se comprometa a cuidar para que os itens resgatados sejam devidamente conservados: higienizados e colocados em invólucros adequados com etiquetas com adesivos apropriados, nos quais as caixas sejam bem vedadas e com possibilidade de empilhamento com carga limitada, e entregues aos

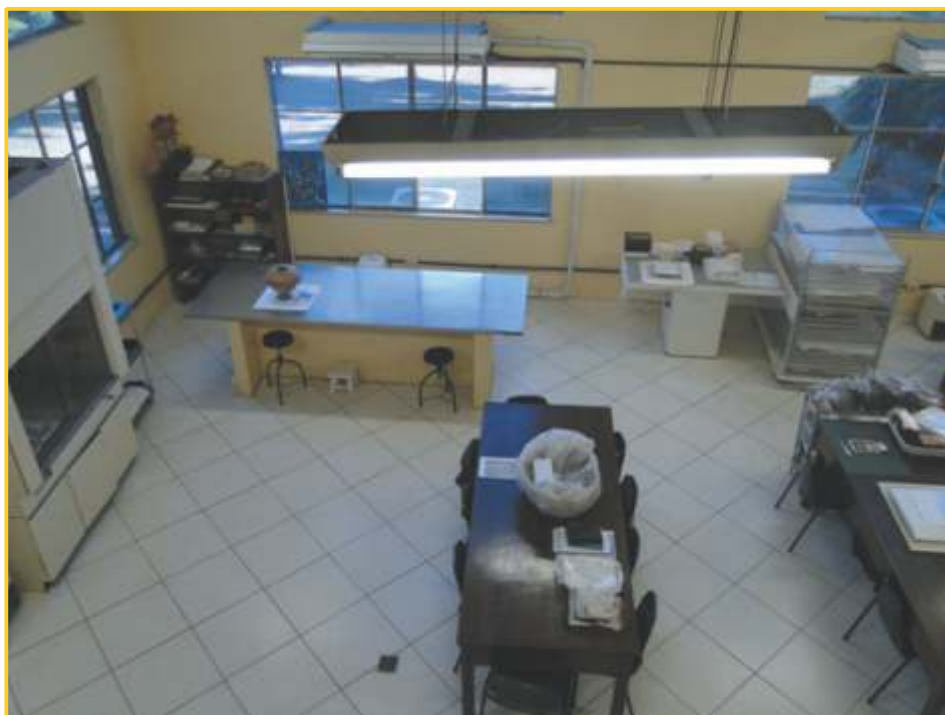


Imagem do Laboratório Central de Conservação e Restauração do Museu Nacional – LCCR.



Peça arqueológica restaurada pelo LCCR

museus com esses cuidados, para serem posteriormente colocadas em armários de aço ou armários deslizantes com mapeamento das estantes e controle de temperatura e umidade. Além disso, este material deveria ser digitalizado e colocado a disposição para consulta. Afinal para que serve uma grande quantidade de material arqueológico indisponível? Os laboratórios

de conservação e restauração entram neste cenário como o principal apoio para a manutenção das coleções, auxiliando com diagnósticos e reparando os objetos que por ventura necessitem restauo. Dessa maneira aguardamos em caráter de urgência uma mudança de mentalidade, que nos toca diretamente. O patrimônio nacional é enfim de todos nós.

*Arqueóloga. Doutora em Artes Visuais pela UFRJ. Especialista em Arqueologia Histórica. Mestre em História e Crítica da Arte com concentração em Antropologia da Arte pela EBA – UFRJ. Atua também como professora no curso de Gestão e Patrimônio e no Museu de Astronomia - MAST no curso de Especialização em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia. É responsável pelo Laboratório Central de Conservação e Restauração do Museu Nacional – UFRJ.